



Os pescadores da Praia do Paquetá Canoas (RS) e sua relação com o Rio dos Sinos: um caso de mobilização social

Juliana Pugliese Christmann¹

Unilasalle / julipugli@gmail.com¹

Resumo

A Praia do Paquetá é um tradicional ponto de lazer para moradores da cidade de Canoas, está na margem esquerda do Rio dos Sinos, em Área de Preservação Permanente (APP) na Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Jacuí. O grupo de pescadores tem estreita relação com as águas e dela tiram seu sustento com o pescado. A questão central foi verificar como este grupo se mobiliza para enfrentar os desafios das cheias, da poluição ambiental e da urbanização. Para responder ao questionamento, definiu-se o seguinte objetivo: analisar, a partir das memórias dos pescadores, as suas formas de interação e de mobilização para a resolução de problemas que os afetam o coletivo. Este trabalho foi elaborado a partir da dissertação de Mestrado intitulada “Pescando memórias na Praia do Paquetá (Canoas-RS)”, finalizada em maio de 2015. Os pressupostos teóricos do estudo são sobre memória social; mobilização social para verificar como se articulam para enfrentar os desafios das cheias, da poluição ambiental e da urbanização enfrentados na cidade.

Palavras-chave: Pescadores. Praia do Paquetá. Mobilização Social.

Área temática: Recursos Hídricos

1. Introdução

A praia do Paquetá é um pequeno vilarejo de Canoas, que o poder público municipal reconhece o local como referência para a prática da pesca artesanal e como balneário. Sua população é de 294 moradores (158 homens e 136 mulheres), distribuídos em 113 domicílios (IBGE, 2010). De acordo com a Prefeitura Municipal de Canoas, deste total, 138 são pescadores tradicionais. Em períodos de cheia, o povoado enfrenta o isolamento por via terrestre em razão do volume de água acumulado na estrada de acesso à localidade (SEMA, 2014).

O grupo de pescadores tem estreita relação com as águas: delas tiram seu sustento com a venda de pescado, as utilizam como via de transporte e lazer. Os mesmos se organizam na Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP). Em relação a participação deste grupo, a questão que se levanta é: como se mobilizam para enfrentar os desafios das cheias, da poluição ambiental e da urbanização? Para responder ao problema, traçou-se o seguinte objetivo: analisar, a partir das memórias dos pescadores, as suas formas de interação e de mobilização para a resolução de problemas que os afetam coletivamente.

A fim de fundamentar o estudo, utilizaram-se como pressupostos teóricos a memória social (POLLAK, 1989 e 1992; HALBWACHS 1990 e 2004); mobilização social (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007); e (HENRIQUES et al., 2007). Metodologicamente, trabalhou-se com pesquisa bibliográfica, documental e produção de fontes orais, a partir da metodologia da História Oral (MEYHI, 2005) foram entrevistados 12 pescadores e parte de seus relatos estão dispostos para exemplificar os temas aqui listados.



2. Marcos teóricos

Neste tópico é apresentada a fundamentação teórica para o embasamento da pesquisa sobre as memórias dos pescadores e os momentos que fizeram uso da mobilização social.

Memória social

Michel Pollak (1989) aponta que em um grupo social podem existir memórias em disputa, ou seja, conflito e competição entre memórias concorrentes. Neste processo, memórias poderão se tornar subterrâneas e outras dominantes, residindo aí, portanto, o caráter problemático da inter-relação entre a memória individual e a coletiva.

O papel do indivíduo no processo de reconstrução de memórias, como Halbwachs (1990, 2004) estabelece é a importância da informação como mediadora. A memória nunca parte do vazio, ela é apropriada pela interação com outros indivíduos e a partir das diversas experiências pelas quais passam em processo contínuo de transformação.

Pollak (1992) corrobora com os estudos de Halbwachs, quando afirma que a memória é um fenômeno coletivo e social. Como elementos constituintes da memória individual ou coletiva, o autor cita os eventos; pessoas; personagens realmente encontradas ou frequentadas por tabela (que não pertenceram ao seu espaço-tempo); lugares relacionados a uma lembrança pessoal ou distante no espaço-tempo; e vestígios datados da memória, isto é, o que ficou gravado como momento preciso de um acontecimento.

Mobilização social

A mobilização, como um processo amplo, não depende apenas da simples divulgação. Como estratégia de comunicação, está a interação face a face, promovendo uma maior proximidade entre os indivíduos. Em projetos de mobilização, é preciso gerar e manter vínculos entre movimentos e seus públicos, permitindo o desenvolvimento de ações concretas de cooperação e de troca, fazendo com que os cidadãos se sintam efetivamente envolvidos (HENRIQUES et al., 2007).

A mobilização ocorre de fato, quando um grupo de pessoas, uma comunidade, ou uma sociedade decide e age, com um objetivo comum, buscando resultados decididos e desejados por todos (TORO; WERNECK, apud MAFRA, 2006). Os autores Henriques, Braga e Mafra (2007) reforçam que a mobilização social é uma reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a modificação de uma determinada situação, movidos por uma causa de interesse público.

Enquanto processo, a mobilização social é gradual e envolve a criação e o compartilhar de valores entre os indivíduos que participam. O envolvimento na mobilização depende da vontade das pessoas e, para que ela ocorra, é necessário que os grupos se preocupem com o processo de identificação, possibilitado pela comunicação (BRAGA; SILVA; MAFRA, 2007).

Em relação a mobilização social e os rios, o estudo de Alves e Justo (2011) identifica ser o rio, parte insubstituível na vida do ser humano e que esse e a pesca são vistos como combustíveis da vida. Matar o rio, portanto, significa matar a subjetividade que se constitui a partir dele. Tal como os autores constataram nas falas dos ribeirinhos, sem a água viva, corrente e saudável do rio, a própria vida perde potência, desidrata-se e seca.

Nas investigações sobre vivências e mobilizações relacionadas à água, no trabalho de Santos e Chiapetti (2013) os autores buscaram compreender o rio por meio



de sujeitos que o vivenciaram cotidianamente. Os resultados apresentaram diferentes formas de relação com o rio, como os canoístas, que têm sentimentos de afetividade e amor pelo rio, porque a canoagem só é possível pela sua presença. Por sua vez, os caminhantes da margem apenas contemplam o rio na prática de sua atividade física. Os autores apontaram que entender como as pessoas vivenciam o rio, no seu dia a dia, foi fundamental para compreender a importância de cuidar dos rios.

3. Os espaços de participação

Segundo Cánepa et al. (2004), entre os anos 1970 e 1980, a sociedade começava a se mobilizar em uma série de movimentos ambientalistas, preocupados com o aumento da degradação ambiental, especialmente a dos corpos d'água. Na região Metropolitana de Porto Alegre, três cursos d'água causavam grande preocupação: o Lago Guaíba, o Rio dos Sinos e o Rio Gravataí, em virtude de estarem localizados em região altamente industrializada e urbanizada.

Ao retratar os marcos históricos da Gestão hídrica, Sousa (2004) refere-se ao enraizamento sociocomunitário na criação do comitê do Rio dos Sinos. Sendo o Comitê Sinos o primeiro dos comitês de bacia hidrográfica sem a iniciativa exclusiva do poder público. Em 1988, os usuários da água (indústria e agricultura), municípios, e, com apoio, do Estado, fundaram o Comitê Sinos, de caráter consultivo, com objetivo de promover a melhoria da qualidade das águas e do meio ambiente nas suas sub-bacias.

Além do Comitê Sinos surgiu em 2006, o Consórcio Pró-Sinos, criado após um dos maiores desastres ambientais da história do Rio Grande do Sul: a mortandade de peixes que atingiu o Rio dos Sinos. Este acidente, a partir da liberação de um efluente industrial no Arroio Portão, em Estância Velha, provocou a morte de mais de um milhão de peixes ao longo do arroio e do rio e foi o motivador da criação do Consórcio (PRÓ-SINOS, 2014).

Ainda outra instituição que contempla a mesma localidade está o Fórum Delta do Jacuí, criado em março de 2009, a partir da mobilização dos pescadores artesanais das colônias de pescadores e das associações de pesca da região. É um órgão com a finalidade de cooperativa com o setor pesqueiro artesanal na esfera política, econômica e jurídica. Sua formação se dá por entidades e representantes da sociedade civil organizada e dos poderes públicos federal, estadual e da representação de municípios da região (PAULA; SUERTEGARAY, 2013).

Apontadas aqui as instituições formais que discutem os recursos hídricos na região em que estão os pescadores da Praia do Paquetá parte-se para seus relatos sobre as suas formas de participação que caracterizam uma mobilização social.

4. Metodologia

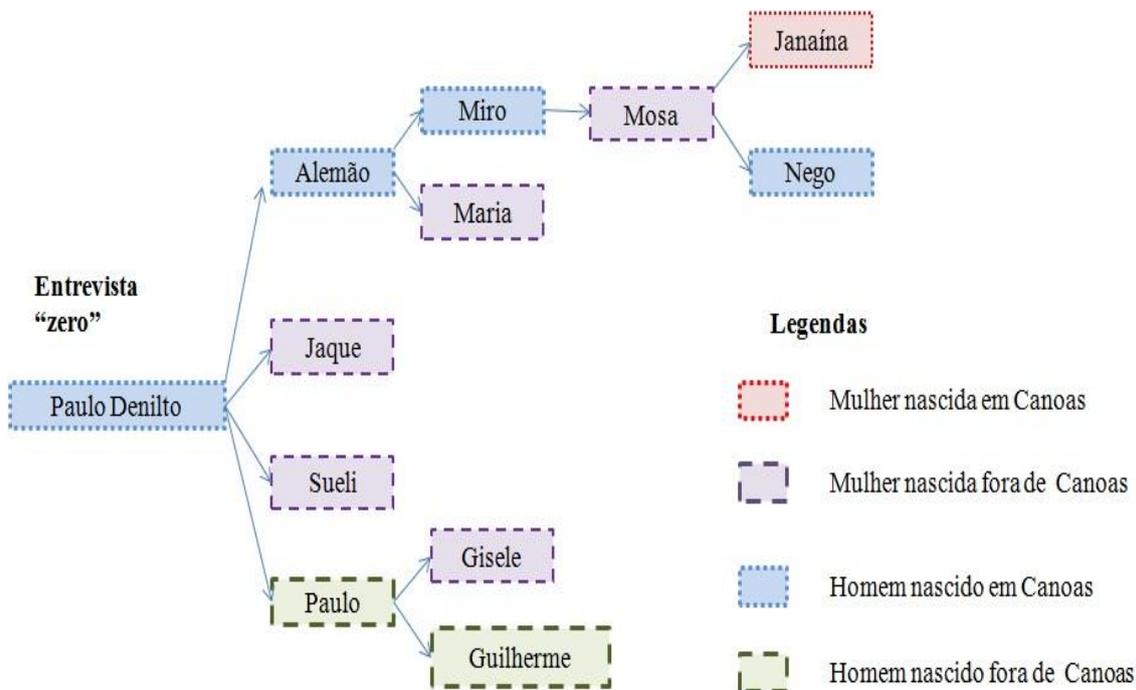
A seguir, passa-se aos resultados da pesquisa empreendida junto aos pescadores da Praia do Paquetá. Os documentos orais foram produzidos a partir da metodologia da história oral, com aportes de Meihy (2005) e de Meihy e Ribeiro (2011). Os autores discutem o caráter da história oral, indicando que a metodologia busca: dar voz aos que as oposições dentro de um mesmo grupo; as diferenças, os confrontos, os discursos opostos, mostrando as lutas internas no trabalho de construção da memória.

De acordo com Meihy (2005), a história oral pode ser construída a partir de uma pessoa, de um grupo definido (pequeno ou grande) de entrevistados. Neste caso foram utilizados como referência para seleção da mostra, critérios de origem e de sexo



(masculino e feminino). Na seleção de origem, adotou-se como critério de agrupamento os que se dizem “nascidos em Canoas” e os das demais cidades como “nascidos fora de Canoas”.

Figura 2 – Esquema de indicações dos colaboradores para as entrevistas



Fonte: Produzido pela Autora, 2015.

Na Figura 1 apresenta-se o esquema de indicações para as entrevistas, já nominando os colaboradores e o tamanho da mostra. Ocorre que não é necessário um critério numérico para a formação das redes quando se trabalha com história oral. No recorte a seguir estão os depoimentos de parte destes entrevistados.

5. Resultados

Ao analisar os testemunhos dos pescadores, nota-se que a mobilização se dá no espaço da Associação. Esta e a liderança local são reconhecidas pelos associados, que destacam a disponibilidade e a boa articulação para tratar dos assuntos do seu interesse. Miro destaca que: *O Paulo [Denilto], que é o presidente e tem mais uns. É muito bom ter a associação de moradores. Qualquer coisa que a gente precise, seja para fazer um papel, ou documento, a gente fala com ele e está pronto.*

No entanto, o envolvimento dos associados nas pautas de discussão de temas relevantes, fora do povoado, é variável. Parte deles prefere confiar esta responsabilidade apenas à liderança. Mas, dependendo do assunto, a mobilização dos pescadores é grande para acompanhar de perto o desenvolver de decisões, como as referentes ao processo judicial referente à mortandade de peixes de 2006, no Rio dos Sinos. Jaque contou que: *Nós participamos [da associação]. Mas já participamos bastante de reuniões. Às vezes, as pessoas, que nem agora há pouco tempo, tiveram que se deslocar até Porto Alegre para falar sobre a mortandade dos peixes. Ainda estão nisso. E um monte de pescadores foi lá na audiência.*



De modo geral, todos os entrevistados responderam que participam da Associação de alguma forma. Buscam, especialmente, as lideranças para esclarecer dúvidas sobre temas do povoado, como o futuro das residências da Praia do Paquetá, um dos assuntos mais recorrentes. Segundo os moradores, existem estudos e projetos, mas a discussão das autoridades municipais com eles foi superficial até momento (2015). Também há falta de informação sobre um possível projeto de revitalização do Paquetá, como assinala Dona Mosa: *Raramente, houve reunião desse tipo. Muito pouca. Eu tenho para mim que já faz uns três anos ou mais que teve uma [reunião] que falou sobre esse projeto de criação [revitalização do Paquetá]. Mas só falou. Nada de concreto.*

Membro da AMPPP, na função de fiscal da associação, Nego e outros pescadores têm uma participação mais ativa, agindo em parceria inclusive com a Prefeitura para evitar que sejam ocupadas áreas vazias do povoado. Nego declarou que: *Eu sou fiscal da associação. Cuido para não invadirem mais [a Praia do Paquetá]. No verão, tem domingo, se vocês vierem aí, que está lotado. Isso aqui parece uma praia de mar. É mais para dezembro, sabe, quando o rio fica mais baixo, vocês olham daqui de casa parece uma praia de mar. Eu vou nas reuniões lá fora mais para discutir esse negócio de lugar, carteira de pesca. Muitas carteiras foram anuladas, né, do pessoal que parece que não era pescador. Moravam aqui, como pescador, mas não eram. Daí, anularam tudo já.*

Na visão de Paulo Denilto, presidente da AMPPP, a participação dos pescadores sempre foi grande quando o assunto é diretamente ligado ao local em que vivem. *Tem coisas relacionadas a nós, aqui, que eu chego e falo: “vai ter uma reunião sobre isso, tal dia e eu quero que vocês vão”. Todo mundo vai quando é importante mesmo. Todo mundo se abraça e vai. A gente já fez três mutirões na Prefeitura que não deram em nada, mas a gente foi. A gente já foi lá no Fórum, a respeito da mortandade de peixe. A gente foi em dois ônibus pra lá.*

Paulo Denilto também citou a conquista que a Associação local obteve ao se fazer representada em instâncias regionais. Ele destacou que: *O que a gente conseguiu com o Fórum [dos Pescadores do Delta do Jacuí]? A gente conseguiu uma parceria que vai ser o primeiro parque ecológico em APP, onde vai ser permissível a pesca profissional e isso é um grande feito, porque dentro de uma área de preservação ambiental é proibido, né. É área intocada e a gente conseguiu isso. Até estou com as fichas que eu tenho que preencher. A gente vai mandar par a Secretaria de Meio Ambiente e a secretaria que vai dar a permissão para nós.*

6. Considerações finais

Participar como agente neste processo de construção de memórias é um processo comunicacional, pois coloca o emissor das mensagens em uma rede de fluxos de informação que lhe afere uma identidade como participante desta rede. De acordo com Braga, Silva, Mafra, (2007) este processo pode ser construído e identificado e a mobilização social é gradual e envolve a criação e o partilhar de valores entre os indivíduos.

Verifica-se que há uma mobilização social em assuntos relacionados ao rio e que os pescadores se sentem representados na sua liderança. A Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP) participa de diversas discussões que podem ser consideradas formas de contribuir para a governança dos recursos hídricos – como o



Fórum dos Pescadores do Delta do Jacuí, mas podem e devem ser buscados outros espaços que os representem na bacia hidrográfica do Rio dos Sinos.

Referências

ALVES, Andréia Duarte; JUSTO, José Sterza. Espaço e Subjetividade: Estudo com Ribeirinhos. **Psicologia & Sociedade**; 23 (1): 181-189, 2011. Universidade Estadual Paulista, Assis, Brasil.

BRAGA, Clara soares; SILVA, Daniela Brandão do couto; MAFRA, Rennan lanna Martins. Fatores de identificação em projetos de mobilização social. In: **Comunicação e estratégias de mobilização social**. (Org.) Por Marcio Simeone Henriques. Belo horizonte: autentica. 2007, p. 59-99.

CÁNEPA, E. M.; ZORZI, I.; GRASSI, L. A. T.; SOARES NETO, P. B. Os Comitês de Bacia no Rio Grande do Sul: formação, dinâmica de funcionamento e perspectivas. In: MACHADO, C. J. S. (Org.): **Gestão de Águas Doces**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HENRIQUES, Marcio Simeone; BRAGA, Clara Soares; SILVA, Daniela Brandão do Couto; MAFRA, Rennan Lanna Martins. Relações publicas em projetos de mobilização social: funções e características. In: **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Org. Por Marcio Simeone Henriques. Belo horizonte: Autentica. 2007, p. 17-31.

HENRIQUES, Marcio Simeone; BRAGA, Clara Soares; MAFRA, Rennan Lanna Martins. O planejamento da comunicação para a mobilização social: em busca da corresponsabilidade In: **Comunicação e estratégias de mobilização social** Org. Por Marcio Simeone Henriques. Belo horizonte: Autentica. 2007, p. 33-58

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A2E7311D1013003524D7B79E4/IBGECE_NSO2010sinopse.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

MAFRA, Rennan. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação** - mídia, comunicação estratégica e mobilização social. Belo horizonte: autentica, 2006.

MAFRA, Rennan Lanna Martins. O projeto Manuelzão e a expedição Manuelzão desce o rio das velhas. In Henriques, Márcio Simeone. **Visões de futuro**: responsabilidade compartilhada e mobilização social. Marcio Simeone Henriques, Nilsa Maria Duarte Werneck. Belo horizonte: Autentica, 2008.

MEIHY, J. C. S BOM. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.



MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011. 198 p. ISBN 9788572446907.

PAULA, Cristiano Quaresma de. **Gestão Compartilhada dos Territórios da Pesca Artesanal:** Fórum Delta do Jacuí (RS). Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013.

PAULA, Cristiano Quaresma de; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Diálogo de Saberes Ambientais e Territoriais** - O Caso do Fórum Delta do Jacuí. Programa de Pós-Graduação em Geografia–Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: mar. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. O uso e ocupação do solo do Município é regulado pelo Plano Diretor Urbano e Ambiental (PDUA) do Município de Canoas. Lei nº 5.341, de 22 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.canoas.rs.gov.br/site/diario/visualizar/id/9>>. Acesso em: mar. 2014.

PRO-SINOS. **O Consórcio Pró-Sinos**. 2014. Disponível em: <http://www.consorciosinos.com.br/conteudo_inst.php?id=consorcio>. Acesso em: mar. 2014.

RIBEIRO, Antônio Marcos de Almeida. História oral brasileira: trajetória e perspectivas. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, Ano 3, Número 6, dez/2011, Universidade Federal de Goiás Disponível em <<https://revistadeteoria.historia.ufg.br/up/114/o/Artigo%206.%20RIBEIRO.pdf?1325192696>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

SANTOS, *Veronica Macedo dos*; CHIAPETTI, *Rita Jaqueline Nogueira*. Relação e Vivência de Canoístas e Caminhantes com o Rio das Contas em Ubaitaba-BA. **Revista Caminhos de Geografia**. V. 14, N. 48 (2013), p. 171-185.

SEMA. **Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos**. Publicação: 08/09/2010 - 00:48. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu=56&cod_conteudo=5865>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SEMA. **Plano de Manejo Parque Estadual do Delta do Jacuí**. 2014. Disponível em: <http://www.sema.rs.gov.br/upload/plano_de_manejo_jacui.zip>. Acesso em: 22 out. 2014.



5º Congresso Internacional de Tecnologias para o Meio Ambiente

Bento Gonçalves – RS, Brasil, 5 a 7 de Abril de 2016

SOUSA, Wilson Cabral Júnior. **Gestão das águas no Brasil**: reflexões e Diagnósticos e desafios /IEB - instituto internacional de educação no brasil. São Paulo: Peirópolis, 2004.